

Entre a Narrativa e a Força: Entrevista com Robinson Farinazzo

Between Narrative and Force: Interview with Robinson Farinazzo

RESUMO

A entrevista com o Capitão-de-fragata Robinson Farinazzo, Fuzileiro Naval da reserva da Marinha do Brasil e consultor de Defesa para vários meios de comunicação, traz subsídios para uma reflexão sobre a legitimidade da guerra entre Rússia e Ucrânia. A entrevista foi realizada via *email* na modalidade pingue-pongue por Lilian de Paula Santos e Diego Amaro de Almeida, editada e aprovada pelos editores da Revista, João Freire Junior e Arlindo José de Barros Junior. Ao longo da entrevista, Robinson Farinazzo discute a posição do Brasil em relação à guerra e exprime sua opinião acerca do papel central das Forças Armadas no país. Discorre sobre a arma da narrativa e, por fim, comenta sobre as lições que uma guerra pode gerar.

Palavras-chave: Guerra na Ucrânia. Narrativa. Conflitos armados. Defesa nacional.

Lilian de Paula Santos

Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, Resende, RJ, Brasil

Email: liliandepaulasantos@gmail.com

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0001-5254-8930>

Diego Amaro de Almeida

Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL, Lorena, SP, Brasil

Email: diegoamaro23@gmail.com

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-8150-5259>

João Freire Junior

Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, Resende, RJ, Brasil

Email: freire.jo@eb.mil.br

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0001-5068-0751>

Arlindo José de Barros Junior

Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, Resende, RJ, Brasil

Email: barros.arlindo@eb.mil.br

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0003-0625-6835>

ABSTRACT

The interview with Lieutenant Colonel Robinson Farinazzo, a retired officer from the Marine Corps of the Brazilian Navy and Defense consultant for multiple media channels, brings subsidies for a reflection on the legitimacy of the war between Russia and Ukraine. The interview was conducted via email in the ping-pong mode by Lilian de Paula Santos and Diego Amaro de Almeida, edited and approved by the Journal Editors, João Freire Junior and Arlindo José de Barros Junior. Throughout the interview, Robinson Farinazzo discusses the position of Brazil in relation to the war and expresses his opinion on the central role of the Armed Forces in the country. He discusses the narrative as a weapon and, finally, comments on the lessons that a war can bring.

Keywords: War in Ukraine. Narrative. Armed conflicts. National defense.

Recebido em: 18 MAR 2022

Aprovado em: 31 MAR 2022

Revista Agulhas Negras

ISSN on-line 2595-1084

<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/aman>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>



1. Introdução

[...] nunca devemos empregar a bomba atômica, ou somente se ela for usada primeiro contra nós. Em outras palavras, você jamais deve atirar, a menos que tenha sido antes morto por um disparo. (CHURCHILL, 1950, *Apud* LANGWORTH, 2012. p. 178)

Ao observar o afirmado pelo primeiro ministro inglês Winston Churchill, sugere-se, em primeiro lugar, entender que a bomba atômica sempre será um instrumento de controle psicológico. Em outras palavras, como diz a máxima latina “*Si vis pacem, para bellum* - Se quer paz, prepare a guerra”.

De certo modo, ambas afirmações convidam você, caro leitor, a refletir sobre o fato de que o estar pronto para uma guerra não é concordar com conflitos, mas sim evitá-los. Porém, não é o que se tem observado nos últimos tempos. Com o final da Guerra Fria, tinha-se a impressão que não haveria mais conflitos armados que pudessem colocar todo o mundo em alerta. Ao final, tudo indicava que, apesar de divergências políticas, econômicas e culturais, os países demonstravam certa disponibilidade para o diálogo.

No entanto, fomos “acordados” com uma guerra, que, mais uma vez, traz a Europa como palco. Logo, levantaram-se duas hipóteses: a primeira - a terceira guerra mundial; e a segunda – se esta guerra se tornaria um conflito nuclear.

Neste contexto, um ponto, se nos permitem, trazemos aqui para a reflexão.

O que a guerra provoca em nós?

O historiador francês Marc Bloch (2011), que lutou como soldado na Segunda Guerra Mundial, detido e torturado pela Gestapo e fuzilado em 16 de junho de 1944, destaca em um trecho de seus escritos, a seguinte reflexão:

Ligado à minha pátria por uma longa tradição familiar, nutrida por sua herança espiritual e por sua história, incapaz, na verdade, de conceber alguma outra onde pudesse respirar sem entraves, eu a amei muito e tentei servi-la com todas as minhas forças. [...] No decorrer de duas guerras, não foi meu destino morrer pela França. Mas posso, pelo menos com toda a sinceridade, dar o testemunho: morro como vivi, como um bom francês. (BLOCH, M. 2011. p.163).

Há alguns pontos para relacionar, de forma que se possa trazer uma análise clara, para além da dor. Com o objetivo de encontrar o sentido da luta, do combate, da preservação de vidas e/ou da sobrevivência diante de um momento tão trágico. Por trás de todo conflito, ou guerra, há sempre história, cultura e a identidade daqueles que querem resistir. De certa forma, serve como medida para que o indivíduo passe a pensar na permanência da nação. Perder lugar e ser anexado a um território são acontecimentos que trazem ao cidadão, a sensação de aniquilamento do “ser” atual.



Pode até parecer fugaz, diante da capacidade enorme e indiscutível de adaptação a todos os ambientes que o ser humano possui. Entretanto, a bandeira, o hino, as crenças, a língua de uma nação fazem parte do cotidiano sem que as pessoas se deem conta do quanto é “caro” e “imensurável” a perda de todos esses símbolos. A língua é que nos permite exprimir aquilo que sentimos de maneira idiossincrática; a crença nos conecta aos nossos antepassados; o hino é a relação com a nossa história e a voz daqueles que já se foram; e a bandeira é o símbolo da união de uma nação.

Entre o discurso que permeia a guerra, aquele que faz com que pessoas abandonem seus lares e familiares e peguem em armas de maneira espontânea a fim de defender aquilo no que acreditam, há parte da sua identidade e há, também, o que poderia ter sido dialogado entre países de maneira a evitar confrontos sangrentos, em que milhares daquelas vidas voluntárias à batalha são perdidas por discordâncias ideológicas e culturais.

Por mais que em um conflito armado se possa observar e lembrar aquilo que une pessoas como nação, as guerras atuais parecem “fora de contexto”. Depois de anos de experiência em tratados e organizações, haveria de se encontrar maneiras profícuas de sustentar nossas diferenças por meio de diálogos? Fizemos uma pergunta e não uma afirmação.

Conforme afirma o filósofo austríaco Karl Popper (1956):

A guerra das ideias é uma invenção grega - umas das invenções mais importantes da história. De fato, a possibilidade de lutar com palavras, em vez de lutar com armas, constitui o fundamento da nossa civilização - especialmente suas instituições legais e parlamentares. (POPPER, 1956 *Apud* FRANCO; GIAMBIAGI, 2015. p.91)

Essa é uma constatação que nos faz perceber que existem outros caminhos para chegarmos ao “meio termo”. De qualquer maneira, deve-se sempre observar todos os lados da história, não há, e nunca haverá, uma única verdade, mas sim contextos distintos e discursos que podem justificar fatos ocorridos para a efetivação de uma guerra.

É importante que tenhamos atenção à forma com que os fatos nos são passados, já que muitas vezes, somos vendados por nossas “paixões”, crenças e até manipulações. Quando nos deparamos com uma informação, temos que tomar muitos cuidados, afinal as notícias falsas sempre existiram, tática de muitos países, principalmente em períodos de guerra, também chamadas de propaganda de guerra. A opinião pública conta muito na tomada de decisão que permeia os conflitos. A narrativa sobre o herói e vilão é construída no instante em que o público acolhe um “mocinho” e rechaça um “vilão”, depois de decidir aquele que **#apoiamos**. Um mesmo discurso passa a ter dois pesos e duas medidas.

É necessário cautela, pois quem escreve a história, são aqueles que venceram!



Talvez seja por isso, também, que outras narrativas dos principais fatos que marcaram a humanidade façam tanto sucesso. Temas de livros como “A história não contada”; A Bíblia como você nunca viu”; “O Dilema das Redes”; “O Mistério da humanidade” entre outros.

Se por um lado há interesses não tão bem compreendidos, por outro, há também predileções. Em muitos casos, nós somos levados a concordar com aquilo que mais se aproxima de nossa realidade. Isso é um direito, não um problema. A questão, aqui, é que de ambos os lados, há humanos e subjetividade. Esses dois ingredientes juntos, se não, mesmo que utopicamente equilibrados”, geram conflitos.

Mas pode-se tirar o lado bom de tudo. Os otimistas autores deste texto percebem uma sociedade mais atenta aos fatos, acompanhando, quase que em tempo real, tudo o que é divulgado e, até mesmo, buscando informações de fatos semelhantes que já ocorreram num passado nem tão distante. Claro que o ceticismo ajuda um pouco, já não se aceita uma verdade num primeiro momento, mas sim, um exame acerca de impressões sem julgamento, com uma boa dose de senso crítico.

Um caminho assim não tem volta. O mundo está sempre mudando, mas mais importante que a mudança do mundo, é a transformação crítica das pessoas.

Uma guerra que acontece em um lugar distante aproxima a humanidade, que passa a perceber a conexão de fatos (econômicos, sociais e culturais).

“São novas rotinas, novos desafios, novas ações, novas sensações [...] contexto em que [...] cuidar de si está se tornando uma aspiração ultrapassada [...]” (NUNES, 2019, s/p.). A autora afirma ser, assim, uma grande transição da era cartesiana.

Acreditamos que uma guerra transforma cenários, pessoas, economias e grandes poderes. Afinal, os motores a jato dos aviões não foram originalmente pensados/criados com o propósito de transportar passageiros.

Após essa breve introdução, convidamos os leitores a acompanhar nossa entrevista com o Capitão-de-fragata (CF) Robinson Farinazzo.

Fuzileiro Naval da reserva da Marinha do Brasil, o CF Robinson Farinazzo é expert em tecnologia aeronáutica e consultor de Defesa para vários meios de comunicação, dentre o qual destacamos o canal *Band News*. Com mais de 35 anos de carreira militar, extensa experiência de campo e formação superior em Administração de Empresas, Robinson é editor do Canal Arte da Guerra no YouTube e articulista do site Velho General.

As perguntas foram produzidas pelos autores Diego Amaro e Lilian de Paula e; editadas e aprovadas pelos Editores da Revista, João Freire Junior e Arlindo José de Barros Junior.

Esperamos que apreciem a leitura!



2. Entre a Narrativa e a Força: Entrevista com Robinson Farinazzo

Entrevistadores: Sabemos que conflitos entre nações são antigos, perpassam toda a história da humanidade. Entretanto, ao olharmos para o século XXI, quais são os fatores que ainda geram desarmonia entre os países?

CF Robinson Farinazzo: A busca por recursos naturais é um dos principais fatores que geram esse conflito. Os países atingidos por guerras possuem ativos de interesses das grandes potências, que, por sua vez, quando não fomentam uma guerra, provocam uma sedição interna ou grupos terroristas, entre outros atritos. É impossível haver uma guerra sem agentes financiadores, que gerenciem o fornecimento de armas e outros recursos demandados nos conflitos.

Entrevistadores: Todas as vezes que surgem novos conflitos, as pessoas, de um modo geral, começam a se posicionar como se torcessem para “times” de futebol. Em seguida, as redes sociais são tomadas por *hashtags* de apaixonados, e que, na maioria das vezes, partem daqueles que mal sabem, ou sabem muito pouco do que se trata. Entendemos que esses conflitos precisam ser contextualizados para que possamos compreender os reais motivos e mesmo as condições culturais, históricas e econômicas que fazem parte das questões de divergência dos envolvidos em um conflito. Qual deve ser a nossa postura de cidadão que, hoje, acaba influenciando nas mídias sociais, diante de situações de guerra e conflitos nacionais ou internacionais?

CF Robinson Farinazzo: Penso que o cidadão deve se esclarecer à luz das consequências dos conflitos. Eu busco sempre olhar para os reflexos dessas batalhas para o Brasil. Houve muitos crimes de guerra perpetrados por grandes potências, mas sem consequências jurídicas para essas nações. Como exemplos, os crimes que a França cometeu contra a Argélia (1952-1964), ou mesmo os Estados Unidos no Vietnã (1959-1975), e no Iraque (2003-2011), e a Rússia no Afeganistão (1979 a 1989). Ou seja, é uma moralidade muito elástica. Enquanto isso, observamos a Sérvia ou países africanos indo a julgamento nas cortes internacionais. Eu penso que é muito interessante mostrarmos aos cidadãos, em especial, aos brasileiros, como podemos nos servir de todos esses acontecimentos infelizes da área internacional.

Entrevistadores: Existe uma afirmação que expressa a seguinte ideia - Temos uma “arma” para nunca ter de usar! Entendemos que essa afirmação se refere a uma forma simbólica de dizer que estamos nos protegendo, o que ainda coaduna com a afirmação do pensador brasileiro Rui Barbosa: “O Exército pode passar cem anos sem ser usado, mas não pode passar um minuto sem estar preparado”. Podemos dizer que isso se aplica à produção de armamentos pelas diferentes nações?



CF Robinson Farinazzo: Pela sua riqueza natural, o Brasil precisa ter uma defesa da soberania nacional. A nossa nação deveria ter armas nucleares vetores de grande alcance, de maneira a conseguir uma defesa eficaz que vise a nossa integridade territorial, tendo em vista uma nação de dimensões continentais. O Brasil possui interesses no Atlântico Sul, é um grande exportador de *commodities*, por isso precisa manter suas linhas de comunicações navais. Para isso, necessitamos garantir os mares livres e armas de longo alcance para que as vias navais estejam livres e não sejamos asfixiados economicamente.

Entrevistadores: Nota-se que cada vez mais nossas Forças Armadas atuam em missões de paz, o que nos faz perceber que, com o passar dos anos e com as mudanças que acontecem a partir dos acordos internacionais, as Forças Armadas podem ser vistas como um instrumento de pacificação e não de guerra. Como podemos fazer para ampliar o acesso a essas ideias de modo que se possa influenciar cada vez mais todos os indivíduos em nossa sociedade?

CF Robinson Farinazzo: Trata-se de um questionamento controverso. O Brasil deve contribuir para as missões de paz, mas não pode esquecer que o grande objetivo é manter a nossa soberania e a paz no Brasil. Até mesmo os conceitos assimilados em missões de paz precisam ser revistos, pois se houver choque com as doutrinas de defesa do Brasil, deve-se manter nosso foco principal.

Entrevistadores: Qual a mensagem que se pode tirar dos conflitos e guerras da atualidade?

CF Robinson Farinazzo: Quem não está preparado acaba perdendo sua própria soberania. A Ucrânia tinha um excelente arsenal nuclear quando se separou da União Soviética. Mas, em 1991, entregou voluntariamente suas armas e aeronaves de bombardeio nuclear para a Rússia. Poucos anos depois, em 2014, o Presidente Russo, Vladimir Putin, invade a Crimeia. A maior lição que podemos ter do conflito é que precisamos articular nossa própria defesa. A Ucrânia confiou em outras nações, como a própria Rússia e os Estados Unidos, e a história trágica oriunda dessa relação, nós já conhecemos.

Entrevistadores: Até que ponto um conflito pode ser considerado legítimo?

CF Robinson Farinazzo: Só seria legítimo se fosse para um país se defender. Nenhuma outra guerra pode ser considerada legítima. Sobre o conflito europeu atual, não vejo legitimidade no caso da Rússia. A legitimidade nunca vai existir numa invasão, numa guerra etc. Existirá, sim, a impunidade que beneficia alguns países, no sentido de evitar que sejam levados para julgamento internacional. Por último, enfatizo que o direito internacional está muito longe de valer para todos os países.

Entrevistadores: A pergunta anterior antecede outro questionamento. O que considerar do ponto de vista político, social e econômico na existência de um conflito como o que vemos entre Rússia e Ucrânia? Ou seja, há uma nação mais exposta que a outra? Há uma nação mais prejudicada que a



outra? Há uma vilã e outra submissa? A sociedade que está no conflito pode deixá-lo ainda mais resiliente? E aqueles que assistem de camarote os conflitos (como é o nosso caso), que tipo de aprendizado se obtém?

CF Robinson Farinazzo: O caso da Ucrânia poderia ter sido evitado. Se a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) tivesse negado o ingresso da Ucrânia na organização, alegando problemas de fronteira do país, por exemplo, o que poderia causar problemas. Por outro lado, a Ucrânia poderia submeter um documento ao parlamento não aceitando o ingresso à OTAN. Nada foi feito para evitar esse conflito, ou seja, se “apagou o fogo com gasolina”. Eu vejo uma tragédia muito complexa, muitas vezes de interesses controversos e não internos. Nós não podemos deixar que essa polarização continue a existir no Brasil, sob pena de graves consequências no futuro.

Entrevistadores: Por último, em se considerando a neutralidade do Brasil e a atuação humanitária de nosso governo para com o "resgate" de cidadãos da Ucrânia, isso evidencia que o Brasil se fortalece diante do confronto ou que não assume nenhuma e nem outra identidade política, social, econômica e militar?

CF Robinson Farinazzo: A posição do Brasil neste conflito tem sido bem sábia. Se nos alinharmos com um dos lados, podemos, por exemplo, perder um aliado importante que é a Rússia. Por outro lado, o Brasil é um parceiro importante para os Estados Unidos. Há a possibilidade de emergir um mundo novo após esse conflito. Estamos falando de dois blocos econômicos, e o Brasil tem condição de tirar proveito desses dois blocos. Precisaremos, ao final, ter muita sabedoria para se posicionar nesse novo mundo que está se formando.

Entrevistadores: Os entrevistadores agradecem.



Referências

BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

FRANCO, Gustavo H. B.; GIAMBIAGI, Fabio. **Antologia da Maldade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LANGWORTH, Richard. **A sutileza bem-humorada de Winston Churchill**. Rio de Janeiro: Odisséia, 2012.

NUNES, Claudia. Empatia, exigência do mundo atual. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 1, 8 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/1/empatia-exigencia-do-mundo-atual>. Acesso em: 20 MAR 2022.